

## Capítulo XI

### Dissonâncias

Acordei na quinta-feira assustado ante a possibilidade de Karine, a manequim de plástico que eu havia comprado no dia anterior, não estar mais no meu quarto. Mas estava. Passei por ela e disse: “Bom dia, Karine. Você está linda!”. Tomei um banho. Na saída para a aula, não me contive e dei-lhe um beijo dizendo: “Te vejo mais tarde”.

Após a aula, voltei à loja onde a havia comprado. A vendedora perguntou:

- Veio devolver?

- Pelo contrário – disse eu. - Quero comprar umas roupas novas. Pode me chamar a proprietária?

- Claro, só um minuto.

Ela chegou rápida com ar de extrema curiosidade, imaginando o que deveria significar “pelo contrário”.

- Escuta, você conhece o whisky Johnnie Walker?

- Claro, me marido adora!

- Pois bem, sabe o Johnnie Walker Black Label?

- Sei, o do rótulo preto.

- Bem, o rótulo fica na diagonal da garrafa. Todos os Johnnie são.

- É, assim meio inclinado – disse ela mostrando com a mão.

- Isso, então, gostaria de comprar um vestido igualzinho ao rótulo do Black Label para a manequim.

Ela e a vendedora abriram uma enorme gargalhada:

- Como é que é, você quer comprar outro vestido praquela manequim de plástico, é? – ela perguntou ainda rindo.

- Praquela, não, praquela. Sim, é isso. E preferia ser levado a sério – respondi rispidamente.

- Não, claro, desculpa. Mas é que nunca vi isso acontecer antes.

- Olha – disse eu - é a minha primeira vez aqui no norte de Minas, nesse sertão calorento e juro que eu também nunca tinha visto várias coisas iguais às daqui, entendeu?

- Por favor, me desculpe – a proprietária solicitou.

- Me desculpe também – repetiu a vendedora.

Pude perceber, apesar do acontecido, que eram pessoas boas, como as demais da cidade e de todo o norte de Minas. Formavam uma interessante dualidade com a terra que tanto castigava.

- Pois bem, tem um vestido igual ao rótulo? – perguntei.

- Claro, com o ombro direito de fora, né?

- Exatamente. E bem curtinho!

Acertaram de primeira. A vendedora se dispôs a experimentar o vestido apenas para me certificar, o que dispensei. Ademais, ela não era páreo para Karine. Estranhamente, o cansaço que vinha me abatendo sumira. Eu andava energizado com o aparecimento de Karine.

Voltei ao hotel correndo, abri a porta da suíte ofegante e disse: “Trouxe uma surpresa! Advinha?”. Não houve nenhuma resposta. Estranhamente, reparei que ela estava em outro lugar, mais próxima da mesa das bebidas. Reparei também que a garrafa de Red Label estava bem mais vazia do que eu havia deixado. Liguei pra recepção e informei sobre os fatos. O

gerente chegou com a arrumadeira, uma senhora gorda e amável.

- Senhor, sob hipótese nenhuma nós alteramos a configuração do quarto – disse o gerente.

- Eu entrei nessa suíte por volta das 12 horas e ela estava aí mesmo, pertinho da mesa – disse a arrumadeira, se referindo à Karine.

- A garrafa de whisky estava na metade. Olha só o tantinho que tem! – disse eu apontando para a garrafa de Red Label.

- Ela estava exatamente nesse tanto aí, senhor – ela afirmou. A arrumadeira tinha um olhar puro. Confiei nela plenamente. Liberei o gerente.

- Escuta – disse eu para ela – me desculpe, ok? Vai ver que até foi eu mesmo que mexi nela... ou neles. Tenho bebido muito esses dias, sabe?

- Tubo bem, meu filho – ela respondeu em um tom amigável.

- Ah, posso ter uma palavrinha só com a senhora? – perguntei a ela.

- Claro – ela respondeu já se distanciando do gerente.

Falei meio baixinho pra ela:

- Escuta, pode parecer meio maluco, mas gostaria de pedir um enorme favor pra senhora.

- Ô meu filho, é só pedir.

- Sabe, é que comprei um vestidinho meio sensual pra minha esposa e gostaria de experimentar nessa manequim aí, sabe?

- Ah, sei.

- Mas então, será que a senhora poderia colocar o vestido nela? Quer dizer, tem de trocar, pois ela já está com aquele outro vestido ali.

- Ué, mas porque ocê mesmo não troca, ô homem?

- Bem, é que fico meio envergonhado...
  - Envergonhado? Envergonhado porque, se ela é de plástico?
  - Mas pode deixar de ser, né? E aí, como é que eu fico depois?
  - Ô moço, que maluquice é essa? Ela vai deixar de ser de plástico, é? Virar gente, garanto que não vira!
  - Quem pode saber?
  - Eu, hein?
  - Será que a senhora pode me fazer esse favor?
  - Claro, né? Mas nunca vi timidez assim com um boneco de plástico.
  - Não é boneco, é boneca.
  - Que seja.
  - E é questão de respeito. Não é de timidez...
  - Hum, sei...
  - Ó, o vestido novo é esse aqui – eu disse dando a sacola pra ela.
  - Tá bom.
  - Legal, legal. Vou esperar lá fora.
  - É cada uma que aparece nesse hotel... – disse ela se aproximando da Karine.
- Minutos depois, ela saiu do quarto com o rosto frisado e dizendo:
- Ela é linda mesmo, hein? Minha nossa! Impressionante!
  - MUITÍSSIMO obrigado – respondi ainda no corredor.
  - Bem que o senhor falou. Esse vestido preto mudou tudo. Tá até parecendo mesmo gente de verdade! Nunca vi nada igual!
  - Obrigado, muito obrigado – agradei novamente.
- Entrei e encarei-a. Estava lindíssima, tal como no Parque de Exposições. Disse em voz alta: “Minha nossa, você está demais, Karine!”. Abri outra garrafa de Red Label e fiquei repetindo

várias vezes “Você está lindíssima!”. Continuei falando pra ela: “Então, Karine, admita, adorou o presente, não? Eu sei que você gostou. Mas não pense que eu esqueci da TV, não, viu? Você vai ter de me contar como você entrou nela e conversou comigo tudo sincronizadinho. Bem, pra comemorarmos, vou te servir uma dose.”

Por certo, havia um recôndito segredo disfarçado de sonho. Ainda assim, resolvi me abrir com ela. “Karine, foi você que bebeu aquele tanto da outra garrafa de Red? Hein, responda, por favor. Pode falar. Foi você, não? Eu sei que foi você.” Servi outra dose cavalhar para mim sentindo uma alteração do meu estado. Concentrei-me no Red Label. As horas iam passando.

“Olha, se você não fosse tão preguiçosa, se não ficasse tão paradona, poderíamos dar uma voltinha e continuar aquele papo da TV. Hein, que tal a idéia? Não, não gostou? Você não quer mais brincar comigo, é? Cansou? Ou será que você tem outro? Não? Bem, você pode estar me traindo. Qualquer um que esteja abaixo dessa nossa maldita abóbada pode estar tendo um caso com você. Basta estar com o coração batendo. Ou não, já não sei”.

Alguma coisa não ia bem. Comecei a ficar irritado com a situação, andando dentro do quarto de um lado para outro falando com ela, sempre sem respostas. Depois de outras tantas doses, me vi extremamente nervoso. Imerso em ódio, procurei algo para quebrar e reparei a ausência do meu violão. Acalmei-me um pouco, liguei pra recepção e perguntei por ele. Responderam: “Ficou naquele quarto inicial em que o senhor estava ocupando. Já mandaremos entregar aí”. Respondi que não havia pressa e que graças a este esquecimento, o violão havia sido poupado. Ele nada entendeu.

Fatigado, perguntei para Karine: “Você está tendo um caso com outro? É essa a situação? Você se tornou humana?”

O maleiro bateu na porta e entregou o violão. Sentei-me na cama com ele. Toquei, fazendo grande esforço de concentração, o prelúdio número 3 de Villa Lobos, porém sem nenhuma reação dela. Falei em voz alta para o violão: “Ela não gosta de clássico, nada demais. É comum. Também querer o quê, uma gata dessa categoria e ainda gostar de música clássica? O jeito dela não é de dissonância. Tá mais para a doçura e a emoção de um acorde perfeito maior”.

- Karine, vou tocar uma música bem triste, ok?

Toquei “Mesmo quando vou” e novamente não houve nenhuma manifestação.

- Bem, vou toca um blues chamado “*Minha pura endorfina*”, uma canção que compus para a Vida Dissonante.

*“Tudo que eu faço, se perde no compasso, o éter deste espaço, alimenta o meu cansaço, o que nos une e nos separa, se esconde numa charada, o meu sangue em disparada, é minha ânsia que não pára. Se então você deixar o meu corpo aí ao largo, vê se pelo menos me anima, você é a minha pura endorfina. De manhã quando acordo, mais discordo que concordo, que o mundo é um acorde, dissonante oh como eu posso. Ouço aquele blues que fiz, si menor com ré maior, para às vezes em que eu disse sim, não me lembre eu sei de cor. Se então você deixar o meu corpo aí ao largo, vê se pelo menos me anima, você é a minha pura endorfina.”*

Diante de um novo silêncio, eu disse:

- Karine, será que você está com algum problema de audição? Hein, tá? Ou o que tá te faltando é endorfina? Porra, responde! PORRA!

Imerso em um estresse gigantesco, levantei extremamente nervoso e disse para ela sentindo uma diatribe iniciando:

- Que tremenda falta de personalidade de sua parte, Karine. Saiba que diante do meu descontentamento e só para irritá-la, vou tocar um trecho da horrorosa Sechs Kleine Klavierstücke, dodecafônica de piano de Schoenberg, que eu mesmo transpus para o violão, entendeu?, lotada de dissonâncias, lotada de emboscadas, lotada de espinhos e escorpiões, de difícilíssima execução, daquelas que transpiram mais que uma maratona e que pra conseguir entender o pentagrama é necessário até um arqueólogo, enfim, um horror, entendeu? Está me entendendo? E saiba você que, eu e a música, isso mesmo, a minha música, nós somos um bueiro fedorento e escancarado a céu aberto, mais do que todas as tragédias do mundo somadas, um tiro ENORME de canhão desgovernado em chamas cruzando este céu insano, uma granada a explodir por um triz, sempre por um triz, acredite, e mais as ameaças do mundo todo de stand by torcendo pelo meu fracasso, entendeu Karine?, pelo meu fracasso, o seu fracasso, todo mundo nessa alucinada oclusão cerebral, e o filho da puta do ferro pragmático e quente de passar roupa pressionando a minha alma ao avesso, e os tiros lá fora, uma porrada disparados pelos vampiros escatológicos, sanguessugas e abutres de merda, todos, na verdade, vômitos digressivos fedendo a sangue e disfarçados de gente, ricocheteando sem parar pra cima e pra baixo e reclamando a minha ausência, frustrados por não me abater e por não conseguir me impedir de chegar a mim mesmo, entendeu?, o que é um enorme perigo, ah, se é, pois posso desistir de tudo, ouviu?, de tudo!, incluindo eu mesmo,

você, essa merda desse violão, essa merda de país de idiotas, essa merda de vida mundana e tudo o mais!

Abri outra cerveja, tomei toda ela num só gole e comecei a tocar. Após alguns poucos compassos, exausto, joguei o violão de qualquer jeito na cama e gritei nervoso com o dedo em riste bem próximo ao seu nariz:

- REPAROU AS DISSONÂNCIAS? A VIDA É ASSIM, KARINE, ESTÁ ME OUVINDO? ESTÁ ME OUVINDO? A VIDA É E-XA-TA-MEN-TE ASSIM. LOTADA DE DISSONÂNCIAS. LOTADA, OUVIU? MERDA! CARALHO!

Retirei-me enfurecido com uma garrafa de Red Label e disse em volume baixo apenas o suficiente pra ela ouvir: “Vou pra banheira esperar um aneurisma”.